



Center for Studies on Inequality and Development

Texto para Discussão Nº 76 - Maio 2013

Discussion Paper No. 76 - May 2013

**MORADIA INADEQUADA, ESCOLARIDADE
INSUFICIENTE, CRÉDITO LIMITADO: EM
BUSCA DA NOVA CLASSE MÉDIA**

Celia Lessa Kerstenetzky (CEDE/UFF)

Christiane Uchôa (CEDE/UFF)

MORADIA INADEQUADA, ESCOLARIDADE INSUFICIENTE, CRÉDITO LIMITADO:

EM BUSCA DA NOVA CLASSE MÉDIA¹

Celia Lessa Kerstenetzky² e Christiane Uchôa³

Resumo:

Entre os anos de 2003 e 2011, mais de 30 milhões de pessoas em nove milhões de domicílios brasileiros ultrapassaram a linha de pobreza equivalente a um quarto do salário mínimo. Neste trabalho, levantamos a seguinte questão: do ponto de vista da estrutura social, estariam essas pessoas formando uma “nova classe média”? Apesar de autores e formuladores de políticas públicas formarem a convicção de que sim, nossos resultados contrariam essa convicção. Investigamos pelo crivo do estilo de vida, marcador privilegiado pela sociologia de Bourdieu, o perfil socioeconômico dos domicílios que pelo critério de renda têm sido identificados como integrantes de uma “nova classe média”, incluindo indicadores de educação das crianças e jovens nesses domicílios. O trabalho é inovador no delineamento desse perfil por meio da Pesquisa de Orçamento Familiares do IBGE (POF, 2008-2009). Nossas observações, com base na perspectiva sociológica adotada e nas informações obtidas, não confirmam o diagnóstico otimista de inserção dos menos empobrecidos na classe média e apontam para as escassas oportunidades disponíveis para os filhos dessas famílias menos empobrecidas.

Palavras-chave: nova classe média, pobreza, condições de vida, Brasil.

Abstract:

Between 2003 and 2011, about thirty million people in nine million Brazilian households moved beyond the poverty line. In this paper, we ask the question: From the viewpoint of the social structure are these people forming a “new middle class”? We use a version of Bourdieu’s notion of lifestyle and data from the Family Budget Survey (IBGE, 2008-2009) to address it. We conclude that while these households are less income-restricted than they used to be, they cannot be said to integrate a new middle class, due to poor living conditions and, especially, the low educational opportunities open to their children and youth.

Keywords: new middle class, poverty, living conditions, Brazil.

¹ As autoras agradecem os comentários de Jaques Kerstenetzky, Dawid Bartelt e Antonio Kerstenetzky.

² Professora titular do Departamento de Ciência Política da UFF e diretora do CEDE/UFF.

³ Doutoranda em Economia da UFF e pesquisadora do CEDE/UFF.

Introdução

A queda da desigualdade na distribuição da renda no Brasil, aumentando a renda dos mais pobres em proporção maior do que a dos mais ricos e diminuindo a pobreza no país, parece fato estabelecido. Entre os anos de 2003 e 2011, cerca de nove milhões de domicílios, mais de 30 milhões de pessoas, ultrapassaram a linha de pobreza equivalente a um quarto do salário mínimo (ver Anexo). Em trabalho anterior (Uchôa e Kerstenetzky, 2012), levantamos a seguinte questão: do ponto de vista da estrutura social, para que condição e posição social teriam migrado essas pessoas? Estariam formando uma nova classe média?

Apesar de certo número de autores e formuladores de políticas públicas formarem a convicção de que sim, a resposta não parece simples. Em primeiro lugar, para além da discussão sobre os processos formativos de classes e relações sociais, há diferentes definições e modos de medir posições sociais, e, em qualquer caso, há amplo consenso quanto a ser a renda auferida pelas famílias um critério claramente insuficiente e à necessária adoção de critérios sociológicos. Em segundo lugar, haveria que se avaliar a estabilidade e sustentabilidade das novas posições atingidas, diante de legados materiais e simbólicos, além de riscos óbvios, como, por exemplo, a situação dos chefes de domicílio no mercado de trabalho ou conjunturas econômicas adversas que cancelassem frágeis ganhos.

Nosso trabalho se propõe a investigar pelo crivo do estilo de vida, marcador privilegiado pela sociologia de Bourdieu, o perfil socioeconômico dos domicílios que pelo critério de renda têm sido identificados como integrantes de uma nova classe média, para examinar a justeza da classificação. A tradução da sociologia de Bourdieu (1978) em indicadores estatísticos apresenta imensos riscos, não é disso que se trata. Preferimos afirmar que tomamos inspiração nessa forma específica de reconstrução do mundo social para enquadrar informações estatísticas disponíveis com o objetivo de obter um retrato qualificado do estrato social que desejamos conhecer, que contribua para responder nossa pergunta. Com esse propósito, examinamos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE) de 2008-2009, uma base de dados pouco explorada porque bastante complexa, mas que traz informações detalhadas sobre o perfil socioeconômico dos domicílios brasileiros e de seus membros individuais. Em relação ao trabalho anterior (Uchôa e Kerstenetzky, *op. cit.*), no qual já havíamos iniciado a exploração dessa base, neste artigo, não apenas atualizamos os cálculos, como apresentamos novos resultados que buscam captar uma ideia de sustentabilidade das novas posições socioeconômicas alcançadas, por meio de indicadores de educação das crianças e jovens nesses domicílios. Nossas observações, com base na perspectiva sociológica adotada e nas informações obtidas, não confirmam o diagnóstico otimista de inserção dos menos empobrecidos na classe média e apontam, de modo particularmente preocupante, para as ainda escassas oportunidades de realização abertas para os filhos dessas famílias menos empobrecidas.

No restante deste artigo, reproduzimos a lógica para a escolha dos marcadores, a metodologia e os resultados (atualizados) apresentados anteriormente em Uchôa e Kerstenetzky (op. cit.) para o estilo de vida da chamada nova classe média, nas seções 1 e 2; na seção 3, apresentamos resultados inéditos de indicadores educacionais para os filhos desses domicílios; e na seção 4, concluímos com algumas reflexões sobre oportunidades para a intervenção pública.

1. Marcadores de classe média considerando a perspectiva de renda e estilo de vida⁴

Neri (2011), em estudo recente sobre o que denomina a nova classe média brasileira, afirma que este segmento é aquele que “aufere em média a renda média da sociedade, ou seja, é a classe média no sentido estatístico” (p.83). Com base na renda domiciliar total, a nova classe média brasileira estaria compreendida na faixa entre R\$ 1.200,00 e R\$ 5.174,00 (p.27), situando-se entre os estratos de renda acima dos 50% mais pobres e abaixo dos 10% mais ricos.

Atualizamos a faixa estabelecida pelo autor para R\$ de janeiro de 2013, de modo a manter o mesmo valor real. A nova faixa ficou entre R\$ 1.315,00 e R\$ 5.672,00. Para observarmos o perfil socioeconômico dos domicílios no interior desse estrato, combinamos marcadores selecionados como distintivos da classe média na literatura consultada⁵ com a disponibilidade de informações na POF e assim selecionamos preliminarmente os seguintes marcadores⁶: casa própria com padrões elevados de habitação⁷; acesso ao crédito; educação universitária e demanda privada por bens providos pelo Estado. A inclusão deste último marcador segue percepção generalizada de que o consumo de serviços sociais no setor privado (especialmente, educação privada e plano de saúde) singulariza a classe média no Brasil, uma vez que aqui os serviços sociais públicos, apesar de universais, são insuficientes e insatisfatórios. Por trás desses marcadores está a intuição de Bourdieu de que classe média significa não exatamente um padrão de consumo, mas um estilo de vida, que envolve diferenciação/distinção: morar “bem”, ter uma educação “distintiva”, consumir serviços “de qualidade”, ter acesso a “capitais”, entre outros. A seleção das variáveis resultou da combinação entre os marcadores e as informações disponíveis na base de dados, neste estágio preliminar de nossa pesquisa. Futuramente, pretendemos incluir indicadores de mercado de trabalho e itens de consumo de bens e serviços de modo a compor palheta mais matizada dos vários recursos à disposição desse estrato social.

⁴ Esta e a próxima seções encontram-se fortemente apoiadas em Uchôa e Kerstenetzky 2012.

⁵ Neri (2008, 2010 e 2011), Souza e Lamounier (2010) e O’Dougherty (1998).

⁶ Na tese de doutorado (de Christiane Uchôa, orientada por Celia Lessa Kerstenetzky) em andamento, outros marcadores serão incluídos de modo a explorar ao máximo o potencial de informações da POF.

⁷ Para melhor compreensão destes padrões, ver Souza e Lamounier (2010, págs. 33, 35).

Assim, com base em informações disponíveis e marcadores selecionados, o perfil socioeconômico esperado dos domicílios brasileiros⁸ que estão localizados no intervalo de renda de R\$ 1.315,00 a R\$ 5.672,00, para que sejam incluídos na classe média “sociológica”, é casa própria com padrões de habitação elevados, com chefes com acesso a crédito, detentores de educação universitária e planos privados de saúde, cujos filhos em idade escolar frequentam escolas particulares (ainda não tínhamos esta informação em nosso trabalho anterior). Trata-se, na realidade, de indicadores mínimos, pois não temos informação sobre a qualidade e o grau de distinção conferido pelo acesso a recursos e serviços.

2. Metodologia, apresentação e análise dos resultados

2.1. Metodologia e base de dados

A unidade de análise, seguindo o trabalho de Neri, é a renda domiciliar total e a base de dados é a POF 2008–2009. Como já mencionado, são examinados aqueles domicílios que estão situados no intervalo de renda de R\$ 1.315,00 a R\$ 5.672,00, com valores de renda domiciliar total, atualizados para janeiro de 2013. Para tanto, foi utilizado o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), estimado pelo IBGE. Uma vez determinados aqueles domicílios que deverão ser analisados, examinamos os diversos aspectos presentes nas características físicas de tais unidades e nos atributos dos chefes do domicílio, de modo a responder se os domicílios no intervalo de renda mencionado podem ser tipicamente considerados de classe média. Desse modo, associamos marcadores a variáveis e para cada uma delas identificamos uma pergunta na POF, conforme a tabela 1 abaixo.

Tabela 1 - Marcadores, variáveis e proxies utilizados

⁸Foram utilizados somente os domicílios nos quais há apenas uma unidade de consumo, que correspondem a 99,7% dos domicílios da POF.

Marcadores →	Variáveis →	Proxies
Casa própria		Condição de ocupação do domicílio
Padrões elevados de habitação	Até dois moradores por dormitório Pelo menos dois banheiros	Quantidade de moradores por dormitório do domicílio Quantidade de banheiros do domicílio
Acesso ao crédito *	Cartão de crédito Cheque especial	Tem cartão de crédito Tem cheque especial
Educação universitária *	Educação superior	Curso mais elevado que frequentou
Demanda privada por bens providos pelo Estado *	Plano de saúde Filhos na escolar particular	Tem plano de saúde Frequenta escola particular

Nota: * atributos relacionados ao chefe do domicílio

2.2. Resultados

Os domicílios localizados no intervalo de renda que corresponde à assim chamada nova classe média equivalem a 55% dos domicílios do país. Correspondem a 31,5 milhões de domicílios, onde vivem 38 milhões de crianças e jovens, a maior parte dos quais chefiados por homens de cor branca. Esse que é o segmento majoritário na distribuição da renda brasileira abriga uma forte desigualdade em seu interior, com predominância de domicílios nas faixas de renda inferiores. Conforme nos deslocamos de níveis mais baixos de renda em direção aos demais, a participação masculina (de 69% a 74%) e a predominância de brancos entre os chefes (de menos de 47% a mais de 63% na última faixa) se intensificam, enquanto diminui a presença de crianças e jovens. Esse resultado é relevante, pois remete à pouco discutida questão da heterogeneidade socioeconômica desse estrato de renda, que, como veremos, combina domicílios ainda pobres, com as conhecidas características cumulativas da pobreza, com outros com padrão de vida distintivo.

Apresentamos, na tabela 2, um retrato sintético da assim chamada nova classe média (NCM, daqui para diante), segundo os marcadores selecionados. Conforme geralmente esperado em domicílios de classe média, na maioria dos domicílios observados, a casa é própria e não há adensamento de moradores. Porém, ao contrário do esperado, somente 23,6% destes domicílios possuem pelo menos dois banheiros; 35,1% dos chefes do domicílio possuem cartão de crédito; 17,1% possuem cheque especial; 28,7% possuem plano de saúde, 7,8% possuem educação superior e 82% dos filhos que estudam estão na rede pública. De acordo com estes resultados, a expressiva maioria dos domicílios da NCM não apresenta um ou mais dos critérios que compõem o perfil estipulado da classe média.

Buscando examinar a heterogeneidade de padrões de vida da NCM, segmentamos a renda do grupo em três faixas de igual amplitude (R\$1.315-R\$2.768; R\$2.768-4.220; R\$4.220-5.678). De fato, observamos que enquanto menos de um quarto dos domicílios apresentam pelo menos dois banheiros, o mesmo acontece em apenas 15,6% dos domicílios na faixa inferior e 45,4 % na

faixa mais próxima do limite superior do intervalo. O acesso ao crédito, que é baixo em todas as faixas, é especialmente baixo na faixa inferior onde apenas 27,3% têm cartão de crédito e menos de 10%, cheque especial, ao passo que na faixa mais próxima do limite superior do intervalo, 54% dos chefes possuem cartão de crédito (mas, pouco mais de 36% tem cheque especial). Como vimos, poucos são os chefes de domicílio que dispõem de educação superior, e até mesmo na faixa mais próxima do limite superior do intervalo, o percentual fica em torno dos 17%. O acesso a planos de saúde também é limitado em todas as faixas, mas especialmente restrito na faixa inferior, abaixo de 20%, enquanto atinge 52,6 % na faixa de renda superior. Quanto à frequência dos filhos à rede privada de ensino, oscila entre pouco mais de 11% entre os mais pobres e 36% no estrato superior de renda, evidenciando alguma diferenciação, mas também que os domicílios ao longo de todo o estrato da NCM são majoritariamente usuários da escola pública.

Tabela 2 - Perfil observado dos domicílios* e dos chefes de domicílio da NCM (R\$ 1.315,00 - R\$ 5.672,00**), por faixa de renda - Brasil - 2008 e 2009

Variáveis	R\$ 1.315,00 até R\$ 5.672,00		R\$ 1.315,00 até R\$ 2.768,00		R\$ 2.768,00 até R\$ 4.220,00		R\$ 4.220,00 até R\$ 5.672,00	
	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%
Casa própria	21,4	68,1	12,8	67,8	5,7	68,5	2,9	69,2
Até 2 moradores por dormitório	26,1	83,1	15,2	80,7	7,2	85,8	3,7	88,6
Pelo menos 2 banheiros	7,5	23,6	3,0	15,6	2,6	30,7	1,9	45,4
Tem cartão de crédito	10,8	35,1	5,0	27,2	3,6	43,2	2,2	54,1
Tem cheque especial	5,3	17,1	1,8	9,5	2,0	24,6	1,5	36,4
Tem plano de saúde	9,0	28,7	3,6	19,2	3,2	38,0	2,2	52,6
Pelo menos educação superior***	2,5	7,8	0,7	3,6	1,0	11,4	0,8	19,4
<i>Características do chefe do domicílio</i>								
Sexo masculino	22,2	70,7	13,1	69,4	6,0	72,0	3,1	73,6
Cor branca	16,4	52,0	8,9	47,0	4,8	57,4	2,7	63,5
Cor parda	12,1	38,3	8,1	42,7	2,8	33,3	1,2	28,7
Cor preta	2,6	8,4	1,7	9,0	0,7	7,9	0,3	6,5

Fonte: elaboração própria a partir de dados da POF 2008-2009/IBGE

Notas: * em milhões

** renda domiciliar total, com valores em R\$ corrigidos a valores de janeiro/2013 - IPCA/IBGE

***Curso mais elevado que frequentou, considerando diferentes categorias tais como tecnológico superior, superior, especialização superior e mestrado ou doutorado

A surpresa é ainda maior diante do “inesperado”. De fato, buscando apurar o foco sobre as características socioeconômicas da NCM, computamos diretamente a presença de atributos que se esperariam ausentes nesse segmento. Na tabela 3 abaixo, é possível observar que 75% das unidades residenciais possuem apenas um banheiro e que ainda muitas delas – 390 mil -- não dispõem de nenhum. É surpreendente ainda que mais de 50% dos chefes de domicílio possuam apenas ensino fundamental completo ou incompleto, o primeiro ciclo da educação básica, não apresentando um dos critérios exigidos pelo sistema educacional do país para o acesso à educação superior. Finalmente, outro dado espantoso na análise de um segmento social do qual a

educação universitária é símbolo identitário, mais de 10% dos chefes de domicílio são analfabetos.

Quando observamos a distribuição de atributos entre diferentes níveis de rendimentos da NCM, notamos que os atributos inesperados estão desigualmente dispersos entre as faixas de renda (tabela 3). Entre os domicílios localizados na faixa inferior de renda (60% do total), mais de 80% possuem apenas um banheiro e aproximadamente 2% não dispõem de banheiro algum, enquanto mais de 19% apresentam adensamento de moradores por dormitório. Ainda nessa faixa de renda, mais de 50% dos chefes possuem apenas educação fundamental e quase 14% são analfabetos. Por outro lado, e no outro extremo da distribuição que concentra 13% dos domicílios, é surpreendente constatar que mais de 50% dos domicílios apresentem um banheiro apenas, enquanto em mais de 500 mil residências haja adensamento de moradores por dormitório. Também causa surpresa observar que mais de 38% destes chefes “mais ricos” têm apenas educação fundamental e 3% são analfabetos!

Tabela 3 - Perfil inesperado dos domicílios** e dos chefes de domicílio da NCM, por faixa de renda - Brasil - 2008 e 2009

Variáveis	R\$ 1.315,00 até R\$ 5.672,00		R\$ 1.315,00 até R\$ 2.768,00		R\$ 2.768,00 até R\$ 4.220,00		R\$ 4.220,00 até R\$ 5.672,00	
	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%
Pelo menos 3 moradores por dormitório	5,3	16,9	3,6	19,3	1,2	14,2	0,5	11,4
1 banheiro	23,6	75,1	15,6	82,5	5,8	68,8	2,2	54,5
Sem banheiro	0,39	1,2	0,35	1,8	0,04	0,5	0,00	0,1
Não tem cartão de crédito	20,1	64,9	13,5	72,8	4,7	56,8	1,9	45,9
Não tem cheque especial	25,7	82,9	16,8	90,5	6,3	75,4	2,6	63,6
Não tem plano de saúde	22,4	71,3	15,3	80,8	5,1	62,0	2,0	47,4
<i>Características do chefe do domicílio</i>								
Analfabetos	3,2	10,2	2,6	13,6	0,5	5,8	0,1	3,3
Antigo primário*	7,7	24,5	5,0	26,3	2,0	23,4	0,8	18,2
Antigo ginásio*	2,0	6,3	1,2	6,1	0,5	6,5	0,3	6,6
Ensino fundamental*	6,5	20,7	4,5	23,9	1,5	17,5	0,5	13

Fonte: elaboração própria a partir de dados da POF 2008-2009/IBGE

Nota: *Curso mais elevado que frequentou

** em milhões

Em síntese, as evidências examinadas indicam que o perfil da assim chamada “nova classe média” não exhibe a maior parte dos critérios (aqui considerados como) distintivos de uma classe média. O perfil observado da maior parte de seus domicílios é: casa própria sem adensamento de moradores, contendo, porém, apenas um banheiro, com chefes sem cartão de crédito, cheque especial, plano de saúde ou educação superior, com filhos na rede pública de ensino. Surpreende ainda que na assim chamada “nova classe média” haja muitos domicílios com adensamento e

sem banheiro, que uma proporção significativa dos chefes tenha cursado apenas o ensino fundamental e muitos deles sejam ainda analfabetos.

Os resultados também mostram que este segmento não é homogêneo, muito embora a maioria dos domicílios se localize no lado esquerdo da distribuição – na faixa de renda mais baixa. Assim sendo, especialmente nesse segmento, é escasso o acesso a formas de crédito como cartão ou cheque especial, acesso este que pressupõe justamente certo nível de renda. Do ponto de vista de outro elemento que ao lado do crédito também poderia alavancar o “lado do produtor”, a educação, os dados indicam que as realizações são particularmente deficientes. Considerando ainda que, nesse segmento em particular, os chefes de domicílio não dispõem de plano de saúde e seus filhos utilizam a escola pública, também permanece em xeque a condição de consumir serviços de melhor qualidade no setor privado, que assinalaria o “lado do consumidor” de classe média. Ademais, mesmo entre os domicílios situados nas faixas superiores de renda, as condições socioeconômicas são desfavoráveis, de um lado e de outro. Embora rendimentos mais elevados estejam associados ao acesso a crédito e à aquisição de planos de saúde, prevalece a utilização da escola pública por parte dos filhos e a baixa escolarização dos pais. Confirmando a suspeita sociológica, a renda é uma aproximação inadequada para o estudo desse estrato social que se caracteriza preocupantemente por uma forte desigualdade nos baixos padrões de vida e oportunidades.

3. E as novas gerações?

Enquanto os resultados quanto a marcadores de estilo de vida dos chefes de domicílio são pouco alentadores, indicando que se está bem distante do que seria esperado de integrantes da classe média, poderia ser o caso de às novas perspectivas de renda terem correspondido oportunidades que estariam sendo colhidas principalmente pelos filhos desses chefes, indicando a presença de transformações estruturais importantes que se manifestariam não tanto nesta geração, mas nas chances de vida das novas gerações.

Para observarmos se este teria sido o caso, concentramos nossa atenção nos indivíduos designados como filhos dos chefes de domicílio na faixa etária de zero a 29 anos da NCM. Para essas crianças e jovens passamos a observar a frequência à escola, a fase do ciclo escolar em que se encontravam, o eventual abandono escolar, além da utilização das redes privada e pública de ensino.

Crianças e jovens estão fortemente concentrados nas famílias mais pobres da NCM (a primeira faixa de renda): de um total de 38 milhões de filhos, mais de 22 milhões se concentram nesse estrato. Considerados em conjunto, aproximadamente 67% dos filhos da NCM frequentam a escola, enquanto pouco mais de 11% nunca frequentaram e outros 21% frequentaram, mas não frequentam mais. Entre os que frequentam, predomina o grupo de crianças entre 7 e 15 anos. Dos

que nunca frequentaram, a esmagadora maioria é formada por crianças pequenas de até três anos de idade que nunca frequentaram creches⁹; entre os que frequentaram e não frequentam mais estão sobrerrepresentados os jovens de 19 a 29 anos. Chama a atenção entre os que frequentam, como já mencionado, que uma vasta maioria está na escola pública. Na tabela 4, abaixo, podemos observar a utilização diferenciada das redes pública e privada pelos três segmentos de renda.

Tabela 4 - Frequência à escola dos filhos das famílias da NCM, por faixa de renda - Brasil - 2008 e 2009

Segmentos de renda	Rede particular		Rede pública	
	Quant	%	Quant	%
R\$ 1.315,00 até R\$ 5.672,00	4,5	17,8	20,9	82,2
R\$ 1.315,00 até R\$ 2.768,00	1,8	11,4	13,7	88,6
R\$ 2.768,00 até R\$ 4.220,00	1,5	23,0	5,0	77,0
R\$ 4.220,00 até R\$ 5.672,00	1,3	36,0	2,3	64,0

Fonte: elaboração própria a partir de dados da POF 2008-2009/IBGE

O exame detalhado dos indicadores referentes aos filhos que frequentam e àqueles que abandonaram a escola revela situações perturbadoras.

Quando observamos os filhos que frequentam a escola, o quadro é o seguinte. A frequência de crianças de até 3 anos de idade à educação infantil é de apenas 20%, sendo inferior a 20% na primeira faixa de renda e pouco superior a isso nas duas faixas sucessivas. Quanto às crianças com idades entre 7 e 15 anos, a frequência é superior a 97% em todas as faixas de renda. Juntamente com a educação infantil, são as faixas etárias seguintes as mais preocupantes. Apenas 75% dos jovens entre 16 e 18 anos frequentam a escola, muitos ainda no ensino fundamental, situação mais comum na faixa mais baixa de renda (mais de 20%). Já entre os mais velhos, de 19 a 29 anos, apenas pouco mais de 15% frequentam o ensino superior (o dobro dos pais, mas ainda uma proporção muito baixa de participação), condição que separa dramaticamente os mais pobres dos menos pobres: 9% na primeira faixa e 30% na última. Mais de 45% desses jovens estão no ensino médio enquanto outros 18% continuam no ensino fundamental (44% e 22% entre os mais pobres e 40% e 9,5% entre os menos pobres).

⁹ O Plano Nacional de Educação 2001-2010 estabelecia como meta para o ano de 2010 o atendimento de 50% das crianças de até três anos em creches. Entre os países desenvolvidos, está se formando um consenso quanto à importância da educação infantil desde a tenra infância, justificada por razões de variada natureza, mas, sobretudo, por melhorar as chances de vida das crianças de famílias mais pobres e com escassa provisão de capital cultural. Ver, a respeito, Esping-Andersen 2009. Entre os países em desenvolvimento, já se dissemina a retórica da prioridade à provisão pública de creches (na América Latina, Chile e Uruguai já apresentam investimentos significativos).

Tabela 5 - Faixas etárias dos filhos das famílias da NCM por curso que frequentam - Brasil - 2008 e 2009

Faixa etária	Curso que frequenta (%)							
	Educação infantil	Alfabetização crianças	Alfabetização adultos	Ensino Fundamental	EJA Fundamental	Ensino médio	EJA médio	Pelo menos superior
O A 3 ANOS	20,5	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
4 A 6 ANOS	51,1	7,0	0,0	23,6	0,0	0,0	0,0	0,0
7 A 15 ANOS	0,4	0,5	0,0	89,0	0,4	8,2	0,0	0,0
16 A 18 ANOS	0,0	0,0	0,1	14,8	1,7	53,0	1,4	3,8
19 A 29 ANOS	0,0	0,0	0,3	2,0	0,6	9,4	0,9	15,5

Fonte: elaboração própria a partir de dados da POF 2008-2009/IBGE

Quando nos voltamos para observar o grupo dos que frequentaram a escola, mas não frequentam mais, chama a atenção o abandono maciço por parte dos jovens entre 19 e 29 anos (mais de 68%), principalmente no ensino médio (45%, percentual que cai para 40% na última faixa de renda), mas também no fundamental (18%, oscilando entre 23% entre os mais pobres e 9,5% entre os menos). Entre os adolescentes de 16 a 18 anos, a evasão alcança cerca de um quarto deles, sobretudo no ensino médio, com pouca variação entre as faixas de renda.

Tabela 6 - Faixas etárias dos filhos das famílias da NCM segundo o último curso frequentado - Brasil - 2008 e 2009

Faixa etária	Não frequenta - último curso que frequentou (%)							
	Educação infantil	Alfabetização crianças	Alfabetização adultos	Ensino Fundamental	EJA Fundamental	Ensino médio	EJA médio	Pelo menos superior
O A 3 ANOS	1,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
4 A 6 ANOS	2,1	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
7 A 15 ANOS	0,0	0,0	0,0	1,0	0,0	0,1	0,0	0,0
16 A 18 ANOS	0,0	0,0	0,0	9,6	0,4	14,1	0,2	0,2
19 A 29 ANOS	0,0	0,0	0,1	17,0	1,1	44,2	1,3	6,2

Fonte: elaboração própria a partir de dados da POF 2008-2009/IBGE

Em síntese, as oportunidades para os filhos superarem limitações de seus pais nos domicílios da NCM parecem escassas. Do desenvolvimento infantil à educação de adolescentes e jovens, elas estão extremamente comprimidas: a esmagadora maioria das crianças pequenas e dos jovens, além de uma proporção significativa de adolescentes, simplesmente estão fora da escola. Em relação a adolescentes e jovens que escaparam desse predicamento, o teto de realização educacional, na melhor das hipóteses, é o ensino médio. A exceção cabe às crianças entre 7 e 15 anos, quase 90% das quais, contudo, frequentam a rede pública cujo desempenho médio é ainda

deficiente. Provavelmente, muitas delas estarão destinadas à evasão no ensino médio e a um mercado de trabalho precário, que as remunerará mal. Como esse estrato social conta fundamentalmente com a provisão pública de educação, seja em termos de quantidade seja em termos de qualidade, encontra-se sujeito nas condições atuais a deficientes oportunidades sociais, as quais dificilmente catapultariam as novas gerações para a tão sonhada classe média.

4. Conclusões

Seja em termos de condições atuais dos domicílios seja em termos de chances de vida para seus filhos, os brasileiros abrigados sob a classificação de membros da nova classe média ainda estão longe de corresponder à “promoção social” que lhes foi atribuída: a maioria deles pode ser de fato considerada pobre sob qualquer critério que leve em consideração adequação nos níveis de bem-estar. Moradias inadequadas, escolaridade insuficiente, acesso limitado a crédito nas condições habitualmente disponíveis para a classe média e uso incipiente de serviços sociais privados permitem prever o limitado horizonte para progresso social por parte desse segmento que por outro lado abocanhou e segue abocanhando ganhos de renda. Claramente a promoção de fato dessas famílias à classe média depende de que possam acessar bens e serviços de qualidade o que não conseguem exclusivamente por meio de seus rendimentos (mesmo no caso em que seus empregos e rendimentos não sofram descontinuidade). Classificá-los na classe média é ignorar o fato ordinário de que a pobreza (assim como a riqueza) é um fenômeno multidimensional e de que linhas de pobreza de renda são definidas muito frequentemente em função do orçamento público, e não das reais necessidades das famílias. Mais gravemente, pode importar na ilusão de que este é um problema social devidamente solucionado.

Uma via de fuga poderia estar aberta para os filhos se à disposição deles estivessem oportunidades sociais efetivas, como a educação de qualidade, que permitissem melhorar suas chances de vida – para além da melhora nos rendimentos das famílias decorrentes de uma melhor situação no mercado de trabalho para os pais. Contudo, o futuro parece ameaçado. Já sem contar com “capitais” preciosos acumulados por suas famílias (econômicos, culturais, sociais), crianças pequenas não têm acesso a oportunidades externas de desenvolvimento infantil; adolescentes e jovens, boa parte deles fora da escola, têm como limite de realização o ensino médio. Por outro lado, a progressão das faixas inferiores de renda em direção ao limite superior da NCM permite prever uma melhora no acesso ao crédito e a planos de saúde (aprofundando, contudo, o racionamento do SUS para os mais pobres). Porém, a educação pública segue sendo a opção majoritária e as realizações educacionais dos filhos ainda são muito precárias mesmo entre os mais bem aquinhoados.

Que implicações principais para a intervenção pública podemos destacar?

O foco no incremento da renda e na capacidade de pagamento de bens sociais privados pode parecer uma saída razoável do ponto de vista da política pública, e pode ser uma razão por trás da celebração prematura da emergência de uma nova classe média. Contudo, há que se avaliar a capacidade de bens sociais privados reverterem em oportunidades e chances de vida efetivas para esses estratos sociais, dados os relativamente baixos níveis de rendimentos que ainda alcançam. Em parte em função disso, investimentos públicos maciços em serviços sociais que impliquem em aumento da provisão e principalmente da qualidade parecem essenciais para o alcance de melhores posições sociais para esse significativo contingente de brasileiros, dentro do qual se encontra confinado o Brasil do futuro – 38 milhões de crianças e jovens, boa parte dos quais apenas acima do limiar da pobreza. Os benefícios econômicos são inestimáveis. Do ponto de vista de justiça social, esses investimentos são uma bela oportunidade de promoção social com um mínimo de segregação de bem-estar, isto é, sem apoio excessivo na capacidade de pagamento dos indivíduos para a realização de bem-estar, o que tem sido um dos mais importantes motores da desigualdade social nas sociedades contemporâneas. Finalmente, são a semente do apoio político crucial para a construção de uma sociedade mais solidária¹⁰.

5. Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. **The Incomplete Revolution. Adapting to women's new roles**. London: Polity, 2009.

HOFFMANN, Rodolfo. Queda da desigualdade da distribuição de renda no Brasil, de 1995 a 2005, e delimitação dos relativamente ricos em 2005. In BARROS, Ricardo Paes de...[et al.] (Orgs.). **Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente (volume1)**. Brasília: IPEA, 2007. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br>> Acesso em 20 de dezembro. 2011

KERSTENETZKY, Celia Lessa. **O Estado do bem-estar social na idade da razão. A reinvenção do estado social no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier. 2012.

NERI, Marcelo Côrtes. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Políticas Sociais, 2008.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). **A nova classe média: o lado brilhante dos pobres**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2010. Disponível em <<http://www.fgv.com.br>> Acesso em 20 de dezembro. 2010.

¹⁰ Ver Kerstenetzky 2012 para o desenvolvimento dessas ideias.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). **A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide**. São Paulo: Saraiva, 2011.

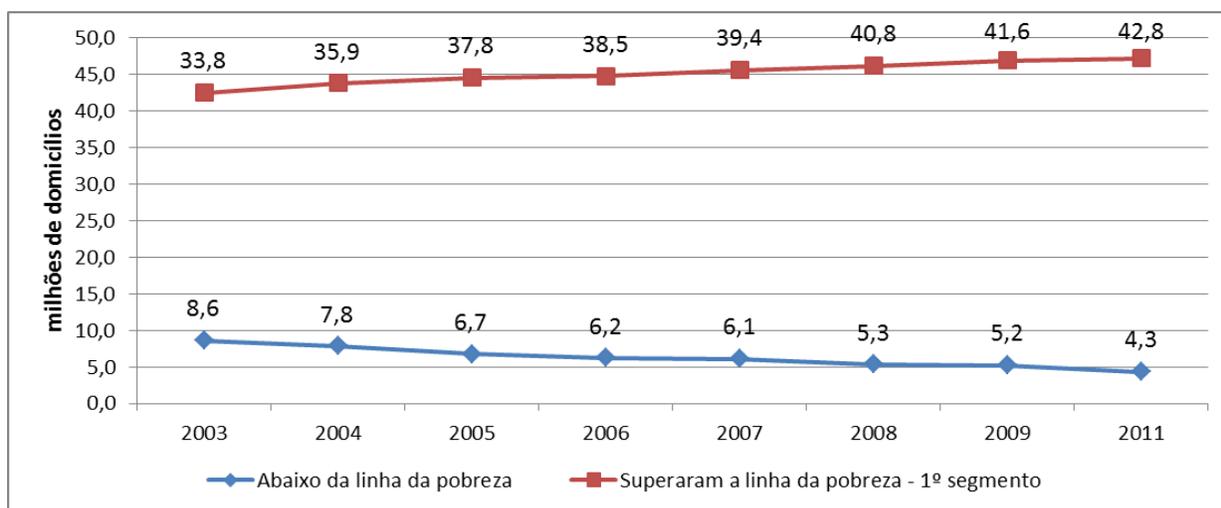
O'DOUGHERTY, Maureen. Auto-retratos da classe média: hierarquias de “cultura” e consumo em São Paulo. **Dados**. Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 20 de ago. 2010.

SOUZA, Amaury; LAMOUNIER, Bolívar. **A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade**. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

UCHOA, Christiane; KERSTENETZKY, Celia Lessa. É a “nova classe media” classe média?, **Texto para Discussão n. 066, CEDE/UFF**. Niterói. 10 pg, 2012.

Anexo

Figura 1 - Quantidade de domicílios com rendimento domiciliar per capita inferior e superior à linha de pobreza – Brasil – 2003 a 2011



Fonte: elaboração própria, a partir de dados das PNAD's de 2003 a 2011/ IBGE (2012). Linha de pobreza = R\$143,41; atualizada para valores de janeiro de 2013. Para tanto, foi utilizado o INPC/IBGE. Esta linha foi estabelecida considerando o trabalho de Hoffmann (2007, p. 98-99).